

Haydu, Verônica Bender. Casamento. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1186, p. 7, set. 2005.

CASAMENTO

Diante do crescente aumento de separações, os problemas causados por doenças sexualmente transmissíveis e a profissionalização da mulher, o que lhe dá relativa independência financeira, podemos considerar que o casamento é uma instituição falida? NÃO!

Na verdade, ainda hoje em dia, a maioria das pessoas se casa e como ocorrem muitas separações, havendo novas uniões, o índice de casamentos até aumentou. As relações de amor e a família são consideradas os melhores acontecimentos na vida das pessoas, mesmo por aquelas que são muito bem sucedidas em suas profissões.

O casamento, no entanto, mudou significativamente nos últimos anos, pelo menos nas sociedades ocidentais urbanas. Sessenta ou setenta anos atrás, a família era constituída pelo pai, pela mãe, por oito a dez, ou por até mais filhos. Mais tarde, trinta ou quarenta anos atrás, a família passou a ter um menor número de filhos, variando de três a quatro. Hoje em dia, é comum, a família passar a ser constituída pelo casal, um filho de um pai, e um ou dois enteados, filhos de um casamento anterior do pai ou da mãe.

Além de mudanças na constituição da família, podemos observar uma significativa alteração na função dos pais. Antigamente, quando o casal tinha muitos filhos, a mãe tinha uma tarefa intensa no cuidado e na educação dos filhos, e nos serviços domésticos. O pai tinha que trabalhar duro para ter um bom rendimento e poder sustentar sua família. A esposa era financeiramente dependente de seu marido, mesmo quando ela possuía uma fonte de recursos que permitiria sua independência econômica, como, por exemplo, quando ela era beneficiária de uma herança. Este tipo de constituição familiar fazia com que as mulheres fossem submissas e temessem ser substituídas por outra. O casamento, para elas e para seus filhos, era uma questão de sobrevivência. A separação era um desastre para a família e, por este motivo, temida e evitada.

Há dois fatores que contribuíram de forma significativa para as mudanças que o casamento sofreu ao longo dos anos. Hoje em dia, as famílias têm um número bem menor de filhos e as mulheres estão, cada vez mais, alcançando a independência financeira. As mulheres trabalham fora de casa e algumas vezes têm empregos com salários iguais ou até superiores aos

de seus maridos. Por esta razão, as tarefas domésticas precisam ser divididas entre o casal, assim como a educação dos filhos.

O casamento deixou de ser uma questão de sobrevivência para os membros do casal e também para os filhos, que, em nosso país, são amparados pela lei, com a obrigatoriedade de pensões. Por isso, o casamento tem que adquirir uma outra “fonte de sustentação” – ele deve ser mantido pelo amor.

As relações de amor, envolvendo intimidade, cumplicidade, confiança e respeito são as que sustentarão os casamentos. As esposas e os maridos deverão ser bons companheiros, amantes apaixonados, cúmplices, amigos e auxiliar um ao outro em suas dificuldades e no cuidado com os filhos.

Esta análise sobre o casamento, que retirei do livro de Clayton E. Tucker-Ladd (2004, disponível no site <http://www.psychologicalselfhelp.org>), permite sugerir que o amor tem chance de ser a motivação do relacionamento entre duas pessoas, sendo mais importante hoje do que em qualquer outra época.

“A vida não consiste em ter boas cartas na mão, e sim em jogar bem com as que se tem.”
(Josh Billings)

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo